

OS TEMAS TRANSVERSAIS CONTEMPORÂNEOS DA BNCC ATRAVÉS DO OLHAR DA LITERATURA

THE CONTEMPORARY CROSS-CUTTING THEMES OF THE BNCC THROUGH THE VIEW OF LITERATURE

Jackeline Maria Beber Possamai¹
Silvana De Gaspari²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo a discussão sobre a pretensão da BNCC que, como documento orientador do currículo da Educação Básica, também reflete a respeito do conceito de formação integral, a qual viabilizaria o desenvolvimento do ser humano em suas dimensões física, intelectual, social e emocional. Assim, com o nosso olhar voltado às competências gerais da BNCC e, mais especificamente, a uma das habilidades ali apontadas, proposta pelo componente de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (8º e 9º anos), e que tem como objetivo o desenvolvimento da empatia, nos posicionamos em favor da utilização do texto literário como abordagem de reflexão crítica em sala de aula. Para tal discussão, tomamos como motivador os textos do escritor Lima Barreto, por conter fatos relatados em tempos e contextos diferentes dos atuais, e que aludem, especialmente, à exclusão social e ao preconceito racial.

Palavras-chave: BNCC; Escola; Literatura; Formação integral; Lima Barreto.

ABSTRACT: This article aims to discuss the intention of the BNCC that, as a guiding document for the Basic Education curriculum, also reflects on the concept of integral formation, which would enable the development of human beings in its dimensions: physical, intellectual, social and emotional. Thus, with our focus on the general competences of the BNCC and on one of the specific skills, proposed by the Portuguese Language component, of Elementary School (8th and 9th grades), and which aims to develop empathy, we position ourselves in favor of the use of the literary text as an approach in the classroom. For this discussion, we took as motivator, the texts of the writer Lima Barreto, for containing facts reported in different times and contexts and that allude, especially, to social exclusion and racial prejudice.

Keywords: BNCC; School; Literature; Integral formation.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!

(Eduardo Galeano).

¹ Docente do curso de Letras: Português-EaD do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). jackeline.possamai@uniasselvi.com.br – (ORCID: 0000-0003-3907-725).

² Professora aposentada do Curso de Letras/Italiano e do Programa de Pós-graduação em Literatura – DLLE – CCE / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). silvanadegaspari@gmail.com – (ORCID 0000-0002-6276-8723).

INTRODUÇÃO

O texto da epígrafe, que narra a história de um pai que levou o filho para conhecer o mar, serve como ponto de partida para expor as nossas reflexões acerca da Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Alguns podem se perguntar: mas que relação pode haver entre o texto de Galeano e o documento que norteia o currículo da Educação Básica? Uma das respostas poderia ser resumida no fato de que a escola, por ser um espaço de ensino e aprendizagem, pode ser comparada ao mar, um lugar imerso em possibilidades e ou descobertas, ou seja, assim como o mar, em suas profundezas, precisa de quem saiba olhá-lo para que se reconheçam suas riquezas e aprendizados, assim também o é a escola, espaço que deveria estar disponível ao aluno para “ensiná-lo” a “olhar o mundo”. Pensando por essas vias, o currículo seria um plano de aula abrangente, que reflete não apenas o conhecimento historicamente construído, mas também todo aquele que contribui para a formação humana e, conseqüentemente, constrói o olhar que nos ensina a ver, reconhecer e definir uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

A escola, como princípio, é um lugar de diálogo, de aceitação, de acolhimento e de debates, já que no seu interior traz a diversidade e a pluralidade de ideias e, por isso, deve também priorizar as discussões em relação a todos os assuntos pertinentes à formação do aluno/indivíduo que dela faz parte, especialmente aqueles temas que, muitas vezes, são vistos como tabu pela sociedade, e ficam em suspensão, sem debate, sem espaço de manifestação. Discutir sobre o preconceito, o respeito ao diferente, o direito das minorias é sim dever da escola. São esses processos de debate e contextualização que ajudarão os alunos a estabelecer relações entre o que aprendem na escola e sua vivência em sociedade. Ou seja, os estudantes passam a lidar com diversas demandas e questões sociais e, ao mesmo tempo, passam a ser críticos e disseminadores desse conhecimento.

A EMPATIA SE APRENDE NA ESCOLA

Acerca da implementação da Base Nacional Comum Curricular é importante destacar que o percurso foi longo desde a primeira versão em nível nacional até chegar aos estados e municípios. Antes de servir de orientador curricular, a BNCC foi concebida e discutida por muitos professores e servidores, os quais contribuíram a partir de princípios

pré-definidos, com o intuito de superar a fragmentação dos componentes curriculares e fortalecer a qualidade da Educação. Nesse trabalho, os estados e municípios participaram das discussões em regime de colaboração, em diferentes significados, e validaram saberes e conhecimentos, especialmente em perspectiva transversal, afinal, além das competências, a BNCC também orienta que o currículo escolar contemple temas transversais contemporâneos³ que, embora não pertençam a uma área do conhecimento específica, é dever da escola trazê-los para a sala de aula.

Nos vários seminários e discussões sobre a BNCC em Santa Catarina, estiveram envolvidos cerca de 400 profissionais, representantes das escolas de Educação Básica e instituições de Ensino Superior, além dos redatores e consultores. Durante essas discussões, a Educação Integral foi o primeiro princípio a impulsionar todos os debates, ou seja, o olhar dos colaboradores esteve direcionado à cidadania, à emancipação e à liberdade como processos ativos e críticos, que levam o estudante ao protagonismo em seu percurso formativo, não somente por estar em contato com o conhecimento e a cultura, mas, sobretudo, pela aprendizagem através da convivência com o outro, a partir do respeito e do entendimento plural, conforme concebe a Proposta Curricular de Santa Catarina, atualizada em 2014, a qual cita que a formação integral é uma estratégia histórica que visa o desenvolvimento humano, complexo e completo, e considera “a educabilidade humana em sua múltipla dimensionalidade” (SANTA CATARINA, 2014, p. 26).

O currículo integrado pressupõe diálogo com as demais áreas do conhecimento. E foi nesse ponto que a versão da BNCC do território catarinense manteve seu foco voltado para a formação integral, e assumindo “uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades” (2019, p. 113). Ou seja, aqui voltamos a Galeano e reconhecemos uma escola que “ensina a olhar”, ensina a enxergar o que muitas vezes não se quer ver, ou não se faz ver tão claramente.

³ Os Temas Contemporâneos Transversais abordados na BNCC são: Ciência e Tecnologia, Direitos da Criança e do Adolescente; Diversidade Cultural, Educação Alimentar e Nutricional, Educação Ambiental; Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais Brasileiras; Educação em Direitos Humanos; Educação Financeira; Educação Fiscal; Educação para o Consumo; Educação para o Trânsito; Processo de envelhecimento, respeito e valorização do Idoso; Saúde; Trabalho e Vida Familiar e Social. (BRASIL, 2019).

A BNCC, como referência obrigatória para a elaboração do currículo, direciona o olhar dos professores que, primeiramente, precisam compreender as dez competências gerais, pois essas se relacionam às áreas de conhecimento e seus respectivos componentes. O entendimento dessas competências é imprescindível, não apenas porque isso contribui com o ensino e a aprendizagem, mas também porque explicita o perfil do estudante que pretendemos formar ou, talvez, mais de acordo com o que se idealiza, que pretendemos que se forme a partir do que se lhe é apresentado. Para ainda mais destacar a importância de uma escola plural, nos valem da 9ª competência geral, estabelecida pela BNCC, a qual cita a empatia e a colaboração como atitudes de resolução de conflitos. Essa competência ganha importância no contexto atual porque o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade, sem preconceitos de qualquer natureza, é a chave a ser virada se quisermos melhorar o nível de nossas relações sociais. Pensando nessa questão, que alude à empatia, citamos ainda uma das habilidades específicas, proposta e delineada pela BNCC/SC (2019, p. 243), no componente de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental do 8º e 9º anos, a qual define:

Relacionar textos e documentos legais e normativos de importância universal, nacional ou local que envolvam direitos, em especial, de crianças, adolescentes e jovens – tais como a Declaração dos Direitos Humanos, a Constituição Brasileira, o ECA [...], a seus contextos de produção, reconhecendo e analisando possíveis motivações, finalidades e sua vinculação com experiências humanas e fatos históricos e sociais, como forma de ampliar a compreensão dos direitos e deveres, de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade (o outro tem direito a uma vida digna tanto quanto eu tenho). [...].

Com base no suposto desenvolvimento dessa habilidade, que propõe atividades pedagógicas que a relacionem a documentos legais, como, por exemplo, a Declaração dos Direitos Humanos com outras narrativas, o nosso intuito é argumentar em favor do texto literário como abordagem eficaz em sala de aula, por conter fatos relatados em tempos e contextos diferentes, e que podem, nesse sentido, servir de ponto de partida para discussões que hoje se fazem mais presentes. O nosso argumento tem base nas afirmações de Antonio Candido (2002) de que a literatura edifica o homem, sendo capaz de exprimir sentimentos, valores e atuar na sua formação. Candido enfatiza o processo humanizador da literatura, o qual é perpassado por três funções: a psicológica, pois a fantasia é inerente

ao homem que cria, imagina, conta e reconta histórias; a formadora, por transportar fatos da ficção para a realidade, ensinando tanto o bem quanto o mal; e a social, pois permite ao homem reconhecer o mundo e a si mesmo. (CANDIDO, 2002).

Podemos definir que, trazer discussões em sala de aula a respeito da empatia e do respeito aos direitos humanos, por exemplo, pode engrandecer as relações entre fatos da ficção e da realidade social, inclusão e exclusão, preconceito e respeito, que são conceitos chave presentes nos textos de Lima Barreto⁴, um escritor considerado a voz da resistência e da denúncia, porque, em sua breve vida, sempre pautou sua escrita na denúncia das mazelas sociais de sua época. Todavia, os textos desse escritor raramente aparecem nos livros ou materiais didáticos, e tampouco estão relacionados no rol da teoria literária de autores estudados nas instituições de ensino superior. Sua expressão literária é de protesto, o que também o levou à margem da literatura brasileira, sendo praticamente colocado à parte do cânone literário. Temos convicção de que sua ficção, que dá testemunho de uma época, representou a voz em favor dos desvalidos. Inclusive, o modo que ele encontrou para falar de seu próprio drama pode ser motivador de muitas discussões dentro de sala de aula, para que outros, identificando-se com as questões vividas por Lima Barreto, possam se sentir acolhidos em sua narrativa de vida. Manoel Freire afirma que

no projeto literário de Lima Barreto, em que todos os recursos expressivos estão diretamente subordinados ao desejo de transmitir, com “a mais absoluta sinceridade” a sua visão de mundo, em que se misturam muitas vezes a aguda compreensão das iniquidades sociais às suas amarguras íntimas. (2008, p.10)

O autor permaneceu esquecido durante um longo período após a sua morte, em 1922, e seu ressurgimento se deu pela publicação de suas *Obras completas*, um resgate biográfico efetuado por Francisco de Assis Barbosa⁵, no final dos anos 40 e início da década de 1950, o que deu um pouco mais de visibilidade ao escritor. Para Marcos Vinícius Scheffel, “é certo que se trata de um autor incorporado ao cânone das letras brasileiras e

⁴ O escritor e respectivos textos foram objetos de análise na tese de doutorado, intitulada: *Entre inclusão e exclusão: a suspensão límbica em Dante Alighieri e Lima Barreto*, elaborada pela autora desse artigo. (POSSAMAI, 2021)

⁵ O biógrafo organizou as *obras completas* a partir das anotações, arquivos compostos por romances, contos, sátiras, artigos, crônicas, memórias e correspondências do escritor Lima Barreto, perfazendo 17 volumes. (POSSAMAI, 2021).

que seus livros vêm sendo procurados por gerações de leitores, admiradores e críticos, que identificam em sua escrita um viés de crítica social” (2018, p. 334). Com o renascimento, Lima Barreto tornou-se objeto de análise e pesquisa de intelectuais como Lilia Schwarcz, que elaborou uma nova biografia sob o nome de *Triste visionário*, uma alusão ao romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*⁶, no qual o então presidente Floriano Peixoto afirma: “Policarpo, tu és um visionário”. Para a antropóloga, a demora para Lima Barreto voltar à cena literária foi longa e a edição da *FLIP 2017*, da qual participaram vários escritores afrodescendentes, também resgatou a trajetória desse escritor, estabelecido no Rio de Janeiro, capital da Primeira República. A referida feira serviu, sobretudo, para enfatizar a importância de Lima Barreto. (SCHWARCZ, 2011). Tão visionário quanto o personagem Policarpo Quaresma, o escritor carioca inova com uma variedade de temas e textos, os quais são “reconhecidamente importantes no desenvolvimento da História de nossa literatura”. (PASSONI, 1996, p. 07).

Para compreendermos a obra de Lima Barreto, é preciso identificar o seu lugar de fala: o subúrbio do Rio de Janeiro, no início do século XX. É preciso conhecer as pessoas que lhe serviram de modelo para compor seus personagens. E, segundo o que ele mesmo afirmou no seu *Diário íntimo*, de 03 de janeiro de 1905, tinha “muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor”. (BARRETO, 1953, p. 38). A partir desse contexto, inferimos que os textos barretianos traduzem um modo de lidar com a literatura, pela abordagem do lugar de vivência e pela descrição da paisagem, que alia natureza e memória. “[...] Eu sou Affonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. [...] No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.” (BARRETO, 1953, p. 33). Por esse fragmento, é possível perceber as suas intenções, e identificar um dos temas que movia sua expressão: não apenas a sua condição de autor negro, mas, também, o quanto os negros contribuíram para o desenvolvimento do país no estabelecimento da nossa cultura. O escritor carioca frequentou até o 3º ano da Escola Politécnica, mas precisou abandonar o ensino superior em vista da situação financeira familiar. Prestou concurso público e trabalhou por algum tempo como amanuense da Secretaria de Guerra, sendo aposentado precocemente por motivo de

⁶ Publicado em 1915, retrata a história de Policarpo Quaresma, um burocrata humilde, funcionário do Arsenal de Guerra. O personagem, um apaixonado pelas coisas do Brasil, procurava exaltar a cultura da nação. Estudioso, era considerado um ingênuo por todos. (BARRETO, 2002).

doença. Sobre a vida particular deste escritor, Eliane Vasconcellos afirma que ele “não conheceu nunca momentos de fartura [...]. Teve uma vida bastante atribulada: era boêmio, alcoólatra e por duas vezes esteve internado no hospício”. (2018, p. 11).

Sobre a sua obra, podemos identificar, primeiramente, uma narrativa ligada à vida pessoal, quando descreve os momentos vividos no manicômio⁷. Segundo Alfredo Bosi, “o leitor se surpreenderá ao constatar que, no exato momento em que o depoente entra a escavar o passado e aprofundar a sua “angústia de viver”, o texto confessional cede a um lance de ficção”. (2017, p. 18). Essa relação entre “confissões” e ficção é resultado de uma escrita que retrata a própria vivência e sobre a qual a narrativa mais parece uma descrição lírica de si mesmo. Silviano Santiago enfatiza que a reflexão sobre a autobiografia e a ficcionalidade relativiza o poder e os limites de ambas, admitindo outras perspectivas de trabalho para o escritor e outros modos de percebê-las, assim,

não contam mais as respectivas purezas centralizadoras da autobiografia e da ficção; são os processos de hibridização do autobiográfico pelo ficcional, e vice-versa, que contam. Ou melhor, são as margens em constante contaminação que se adiantam como lugar de trabalho do escritor e de resolução dos problemas da escrita criativa. (SANTIAGO, 1999, p. 174).

É por conta dessa contaminação sobre a qual se refere Santiago que os textos de Lima Barreto ofuscam o limite entre ficção e realidade. Todavia, há ainda outros modos de percepção que caracterizam sua escrita: a denúncia social e a crítica aos intelectuais e governantes da sua época, aspectos que constituem a essência da expressão desse autor, que também é confirmada por Beatriz Resende (1993), a qual apresenta três pressupostos a serem levados em conta para a compreensão da obra de Lima Barreto. O primeiro se refere à crítica aos governantes e intelectuais da cidade do Rio de Janeiro, fato que fez com que, por muito tempo, sua obra figurasse como marginal. O segundo pressuposto está no conceito de cidadania, pela defesa das camadas subalternas. O terceiro pressuposto defende que a expressão de Lima Barreto supera a falsa oposição entre progresso e modernização, e concebe um modelo social capaz de construir uma identidade nacional voltado à cidadania. O professor Manoel Freire, que também se ocupou dos estudos sobre

⁷ A primeira internação foi em 1914, quando Lima Barreto apresentou os primeiros sintomas de depressão, provocada pelo consumo de álcool.

o escritor Lima Barreto, aponta três dimensões fundamentais a serem consideradas na obra desse autor: a intelectual, em vista do projeto literário como a visão de mundo; a biográfica, que expõe as injustiças sociais que atingiam a maior parte da população brasileira e o próprio autor. As duas primeiras dimensões, intelectual e experiência biográfica, contribuíram para a concepção da terceira dimensão, a ideológica, ou “ponto em que se articulam os anseios do intelectual revolucionário e as angústias do cidadão marginalizado”. (2014, p. 88)

A escrita de Lima Barreto surge nos primeiros anos do século XX em meio à instabilidade do Brasil, período marcado pelo desejo de consolidação de uma literatura sem a influência europeia, baseada na arte pela arte. Mesmo sendo um país de origens coloniais, havia intelectuais, a exemplo de Lima Barreto, que ambicionavam uma identidade nacional, ou seja, um processo literário que expressasse de fato as coisas da nossa Terra, pretensão que ganhou força em 1922. Ainda que não tenha sido mencionado no evento da *Semana de Arte Moderna*, esse autor carioca representou a voz forte e, por vezes, solitária, na cidade do Rio de Janeiro. Com Lima Barreto, o Pré-Modernismo é o retrato da sua crítica à elite literária e à desigualdade social, questões identificadas em suas narrativas, e consideradas, naquela época, como uma postura ideológica e anarquista. Na verdade, essa era uma expressão de denúncia, que retratava aspectos e fatos da sociedade, traduzindo o olhar das vanguardas daquele período, o que o fazia permanecer isolado do meio intelectual. “Assim, paralelo à certeza que dá nutrimento à marginalização consciente, o inconformismo é protesto pela exclusão, muito mais do que consciência histórica da ordem em crise”. (PRADO, 1976, p. 13).

Sobre uma literatura que protesta, Francisco de Assis Barbosa afirma que há uma analogia entre os romances e contos de Lima Barreto com os dos escritores norte-americanos do primeiro decênio do século XX, que se insurgiram contra o tradicionalismo e iniciaram uma literatura parecida com a dos Mukraker⁸, para designar os escritores da época que criticavam a sociedade tradicional (BARBOSA, 2002). Essa postura é caracterizada pela inovação e pela consciência contestadora, que se recusava a seguir o

⁸ Grupo de jornalistas que se dedicava a escrever sobre as atividades corruptas das empresas norte-americanas. O jornalista Francisco de Assis Barbosa lembra a analogia estabelecida pelo crítico literário Otto Maria Carpeaux entre Barreto e os escritores norte-americanos da década de 1910, precursores de uma literatura de protesto chamada de “remoção do lixo”. Ao que parece, foi o que o escritor fez na sociedade brasileira do seu tempo. (BARBOSA, 2002).

modelo literário que servia aos grupos privilegiados. Nesse sentido, Barbosa argumenta ainda que Lima Barreto, como observador, “via longe até demais na sua crítica áspera e contundente aos políticos e aos donos da vida, de um modo geral, à mania de ostentação, ao vazio intelectual, à corrupção e à incompetência, própria da ‘democracia relativa’ da República Velha” (2002, p. 09). A inovação está particularmente no modo de retratar a própria condição, na expressão da angústia e na exposição do drama dos afrodescendentes

Eu, olhando aquelas casas e aqueles caminhos, lembrei-me da minha vida, dos meus avós escravos e, não sei como, lembrei-me de algumas frases ouvidas no meu âmbito familiar, que me davam vagas notícias das origens da minha avó materna, Geraldina. Era de São Gonçalo, de Cubandê, onde eram lavradores os Pereiras de Carvalho, de quem era ela cria. (BARRETO, 1953, p. 93).

Esse fragmento, que faz alusão à origem de Lima Barreto, também representa um dos temas da narrativa do autor: a negritude. Nessa perspectiva, a cor da pele era motivo para expor a situação sociológica dos afrodescendentes, mas, sobretudo, para criticar o pensamento determinista, com o intuito de despertar no leitor a consciência social e política. No contexto do Brasil pós-escravocrata, a condição dos negros em relação aos brancos continuava desigual, e a raça, como fator distintivo entre os grupos sociais, prevalecia. Os negros eram considerados subumanos pela elite política e econômica. Essa elite, por encontrar dificuldades para preencher os postos de trabalho, optava por substituir a mão de obra que antes era dos escravos pela dos imigrantes europeus, aliando este fato à ideologia racista, que queria uma população esbranquiçada.

Assim, no final do século XIX e início do XX, com a produção centrada no liberalismo econômico, também surgiu, na Primeira República, o pretense branqueamento da população ou processo de eugenia⁹, o qual suscitou debates sobre a desigualdade e a exclusão dos negros, ancorada na concepção racista que ditava as regras da superioridade dos brancos. Contudo, os defensores da eugenia ignoraram o fato de que a escravidão no Brasil foi apoiada pelos governos da época, que preferiram “tratá-la como se fora assunto exclusivo da ordem privada, matéria relativa ao instituto imóvel da propriedade”. (BOSI, 1992, p. 248). No contexto europeu, é preciso lembrar que o comércio de escravos

⁹ Ciência que consiste em conhecer as causas explicativas da decadência ou levantamento das raças, com vistas à perfeição da espécie humana, tanto física quanto intelectual. O processo de eugenia tem como objetivo a obtenção de uma raça pura e forte. (SCHWARCZ, 1996).

africanos, marcado pela violência e reproduzido por quase quinhentos anos, colocou em xeque a discussão do movimento francês que pregava liberdade, igualdade e fraternidade. Essa contradição pode ser exemplificada com o comércio de escravos africanos na colônia francesa do Haiti, pois contrariava os ideais iluministas. No dizer de Susan Buck-Morss, a exploração dos escravos

era aceita com naturalidade pelos próprios pensadores que proclamavam a liberdade como o estado natural do homem e seu direito inalienável. Mesmo numa época em que proclamações teóricas de liberdade se convertiam em ação revolucionária na esfera política, era possível manter nas sombras a economia colonial escravista que funcionava nos bastidores. (2011, p. 01).

A escravidão de negros no Haiti era mantida nos bastidores pelos defensores da liberdade humana, e nisto estaria o paradoxo que motivou Hegel a elaborar a dialética do senhor e do escravo. Lima Barreto, de certo modo, também exerceu sua dialética ao relatar o desejo de reconhecimento aos escravos por aqueles que outrora tinham sido os seus senhores:

embora enchesse-me de tristeza o seu estado, eu não pude deixar de lembrar-me, sem algum orgulho, que o meu sangue, parente do seu, depois de volta de três quartos de século, voltava àquelas paragens radiante de mocidade, saturado de noções superiores, sonhando grandes destinos, para ser recebido em casa de pessoas que, se não foram senhores dele, durante algum tempo, tinha-o sido de outrem da mesma origem que o meu. (BARRETO, 1953, p. 94).

O fragmento de Lima Barreto contraria o pensamento daqueles que viam com naturalidade a hierarquia racial centrada na superioridade do branco e na ideia de que a miscigenação era prejudicial à sociedade, processo que sabemos ainda hoje estar presente em alguns segmentos de nossa sociedade. Mesmo essa se afirmando livre de preconceitos e favorável à diversidade. O processo de branqueamento¹⁰ da população, a partir dos imigrantes europeus, teria se fortalecido no fato de muitos atribuírem aos negros a

¹⁰ O principal defensor da “limpeza racial” foi Joseph Arthur de Gobineau, autor do *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, no qual afirma que a questão étnica era a mola a impulsionar a história, e a mistura de raças seria a causa para o fim das grandes civilizações. (SOUZA, 2013).

responsabilidade na transmissão de doenças e no enfraquecimento biológico da população. O estigma racial, além dos vários aspectos negativos que muitos insistiam em destacar, também passou a ser vinculado à falta de higiene, reafirmando a necessidade de separação da população, pois, senão, não haveria desenvolvimento no país. A solução “foi imaginar uma redescoberta da mesma nação, selecionar e digerir certas partes da mesma teoria, com a evidente obliteração de outras; enfim, prever um modelo racial particular”, afirma Lilia M. Schwarcz (1996, p. 89).

Além do branqueamento da população, outro fator que reafirmava a segregação negra era o mercado de trabalho, ou seja, enquanto os brancos ocupavam os espaços mais importantes da indústria e do comércio, os negros eram designados ao trabalho de menor *status* e remuneração, como limpeza urbana, construção civil, empregados da estrada de ferro, trabalho braçal e contínuo (*office boy*) das repartições públicas. A função do estafeta era atrelada aos serviços de entrega de documentos e encomendas, distribuição de correspondências, serviços bancários e de cartórios, e, portanto, considerada de menor remuneração e responsabilidade. Sobre esse trabalho, há um registro no *Diário Íntimo*, no qual Lima Barreto cita: “[...] o que é verdade na raça branca não é extensivo ao resto; eu mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo”. (BARRETO, 1953, p. 25). Mais do que estar nessa condição limitada, o que mais o afligia e atormentava era a certeza de que dela nunca teria chance de sair.

Tal desigualdade, como a relatada no fragmento precedente, contribuiu para a discriminação racial daquela sociedade que se dizia nova, mas se orientava por diferenças relacionadas à biologia e se amparava em uma política que pretendia a extinção dos negros do Brasil. No entanto, esta pretensão nacional foi muito criticada por Lima Barreto, pois, “o ato literário remete ao todo como um *a priori* inerente ao gesto heroico, ou seja, converte-se em ato instrumental de interesse comum exatamente porque pressupõe em sua natureza a adesão irreversível característica das grandes causas” (PRADO, 1976, p. 91). Pela sua capacidade de captar o mundo a sua volta, foi um ativista literário que ironizava os membros da Academia Brasileira de Letras porque, para Lima Barreto, o texto deveria ser compreensível e acessível às classes excluídas para transformar a sociedade.

Contrariando as normas preconizadas, a sua escrita é cursiva e a mais simples possível, buscando o ritmo coloquial, despreocupada da “pureza vernácula”, frequentemente incorreta, parecendo desafiar intencionalmente

a gramática. A sua tendência mais natural era o comentário jornalístico e a apresentação pitoresca de costumes, regidos pelo sarcasmo e dirigidos contra o pedantismo, a falsa ciência, as aparências hipócritas da ideologia oficial. (CANDIDO, 1999, p. 65).

Para Antonio Candido, a alta tensão crítica foi o motivo que pôs Lima Barreto à margem, pelo seu desprezo a intelectuais como Coelho Netto e Rui Barbosa, já que elaborava uma narrativa polêmica e provocativa, com fatos e relatos condicionados à personalidade do escritor, além da recusa à gramática da época e atrelada ao compromisso de denúncia. É com este tom provocativo que Lima Barreto elaborou o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*¹¹ que, além de narrar humilhações sofridas no ambiente jornalístico, descreve fatos da política e o interesse dos poderosos, enfatizando a fragilidade do protagonista:

O álcool não entrava nos meus hábitos. Em minha casa, raramente o bebia. Naquela ocasião, porém, deu-me uma vontade de beber, de me embriagar, estava cansado de sentir, queria um narcótico que fizesse descansar os nervos tendidos pelos constantes abalos daqueles últimos dias. Entrei no café, mas tive nojo. Limitei-me a beber uma xícara de café e caminhei tristemente em direção ao mar, olhando com inveja um carregador que bebia um grande cálice de parati. (BARRETO, 1996, p. 61).

De acordo com o romance, um relato cheio de mágoas e traumas, não é somente o uso do álcool que prejudica o protagonista, Isaías, mas também as denúncias ao lobby da imprensa e as críticas desferidas aos donos dos jornais. Esse enredo contribuiu ainda mais para que o autor, Lima Barreto, enfrentasse dificuldades na publicação dos seus textos e seu acesso ao mercado do livro. O autor carioca tinha consciência de que o ambiente jornalístico era repleto de ambições pequenas, de intrigas e de hipocrisia. Talvez, por isso, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* traduza o modo de defesa e de diálogo intelectual que rompe com os pressupostos estéticos da literatura da época, sendo também considerado um romance-chave para que se decifre a escrita de Lima Barreto, porque seus personagens e acontecimentos parecem representar a realidade do escritor.

Grande parte da obra barretiana representa uma postura de contestação, de indignação, de revolta e de outros sentimentos de quem sempre esteve à margem da

¹¹ Lançado em 1909, o romance critica o racismo, o preconceito e a imprensa. (POSSAMAI, 2021)

sociedade. São essas questões, presentes em Lima Barreto, que nos levam a propor a leitura dos seus textos em sala de aula para fomentar discussões ou definir diálogos com o texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos, conforme pretende umas das habilidades específicas da BNCC de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental, a fim de que o espaço escolar se concretize como um espaço cidadão, uma vez que a “construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental” (BRASIL, 1997, p. 15).

Acreditamos que a construção da cidadania depende muito mais de como os agentes escolares concebem o currículo, desafiando o cânone escolar e rejeitando o que vem pronto como discussão niveladora que, na maioria das vezes, se faz igual para todos os grupos que se delineiam dentro do contexto escolar de nosso país. E, aqui, nesse sentido, o olhar de nossos educadores e de nossos estudantes deveria ser como o do pai descrito por Eduardo Galeano, que pega o filho pela mão e o leva consigo para conhecer o mar, ensinando a ele não o que olhar, mas como olhar e ver, naquela imensidão, o que se faz mais premente para a realidade de cada um de nós. Ainda a partir do trecho de Galeano, podemos pensar em mais uma analogia: a de que a Escola seria como um pai ou um guia que, pela mediação e intervenção de seus educadores, “caminha” junto com seus estudantes para que estes possam ver e fazer um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **A VIDA DE LIMA BARRETO**: 1881-1922 - 11 ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.

_____. In. Melhores Contos de Lima Barreto. 8^a. Ed. São Paulo: Global, 2002.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. 23. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Recordações do escrivão Isaias Caminha. (Org). Célia A. N. Passoni. 1^a Ed. São Paulo: Núcleo, 1996.

_____. Obras Completas. Organização de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956, 17v.

_____. Diário Íntimo. São Paulo - Rio de Janeiro: Editora Mérito S.A, 1953.

BOSI, Alfredo. Prefácio. **O CEMITÉRIO DOS VIVOS**: testemunho e ficção. In. Diário do hospício; O cemitério dos vivos. Organização e notas de Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. – 1^a ed. - São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

_____. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BRASIL. TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS NA BNCC: Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos. MEC. Secretaria de Educação Básica. Brasília, **2019**.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. MEC. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Lei nº 13.415. Altera as Leis nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. D.O.U. de 17/02/2017, p. 1. Brasília, 2017.

_____. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**: apresentação dos Temas Contemporâneos Transversais, ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUCK-MORSS, Susan. **HEGEL E O HAITI**: novos estudos. Tradução de Sebastião Nascimento – CEBRAP. nº 90. São Paulo, 2011.

CANDIDO Antonio. A literatura e a formação do homem. In: DANTES, V. (Org.). Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. **INICIAÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA**: resumo para principiantes. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999.

DIAS, André. **LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI**: vozes dissonantes. Niterói: Editora da UFF, 2012.

FREIRE, Manoel. A motivação autobiográfica em Lima Barreto. In. Manuscrita - Revista de Crítica Genética. UERN, 2014, (pp.86-96).

_____. **A RETÓRICA DO OPRIMIDO**: sobre a ideia de literatura militante em Lima Barreto. Revista Travessias; Vol 2, N. 1. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2008.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2000.

PASSONI, Célia A. N. Organizadora. In.: **BARRETO**, Lima. Recordações do escrivão Isaias Caminha. 1ª Ed. – São Paulo: Núcleo, 1996.

POSSAMAI, Jackeline M. B. Possamai. Entre inclusão e exclusão: a suspensão límbica em Dante Alighieri e Lima Barreto. (Tese de doutorado). UFSC. CCE. Programa de Pós Graduação em Literatura. Florianópolis, 2021.

PRADO, Antonio Arnoni. **LIMA BARRETO**: o crítico e a crise. Rio de Janeiro, Cátedra. Brasília: INL, 1976.

RESENDE, Beatriz. (Org). Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.

SANTA CATARINA. Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado da Educação. – Florianópolis, 2019.

SANTA CATARINA. **PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA**: formação integral na educação básica. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado da Educação, Florianópolis, 2014

SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. In. Comemoração. Revista Aletria. V. 6. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 1999.

SCHEFFEL, Marcos Vinícius. **A VIDA DE LIMA BARRETO, DE FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA E LIMA BARRETO**: triste visionário, de Lilia Moritz Schwarcz – Resenha. Gragoatá, Niterói, v.23, n. 45, p. 334-342, jan.-abr. 2018.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. In.: Sociologia & Antropologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 1, n.1 (jul. 2011). Rio de Janeiro: PPGSA, 2011.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **USOS E ABUSOS DA MISTIÇAGEM E DA RAÇA NO BRASIL**: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. Revista: Afro-Ásia. Centro de Estudos Afro-Orientais. UFBA- nº18 (1996), pp. 77-101.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz | COC/FIOCRUZ. v. 6, n. 1, p. 21-34, jan/jun 2013.

VASCONCELLOS, Eliane. **ENTRE A AGULHA E A CANETA**: a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de. **LILIA MORITZ SCHWARCZ - LIMA BARRETO**: triste visionário. Revista: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Resenha (versão impressa ISSN 1518-0158 - versão On-line ISSN 2316-4018). nº 54- Brasília: maio/ago. 2018.